

	Colégio Estadual Dr. Eduardo Bahiana	
	Data: ____/____/____	Turma:
	Aluno:	
	Professor: Manuel Antonio	
	Disciplina: Filosofia	

Resumo da 5ª Lista de Exercícios – 3º Ano

Filosofias de Marx (parte III) e Nietzsche

KARL MARX (CONTUAÇÃO III)

Marx defendia que a superestrutura propaga disfarçadamente as associações sociais de produção como corretas, e que um meio social equânime apenas acontecerá com a transformação da estrutura financeira do corpo social.

De acordo com Marx, o conflito de classes impulsiona a história na proporção em que demonstra, dentro do corpo social, o embate entre poderes produtivos e os meios de produção.

Marx explicava a ideologia como meio de exploração, que tinha como objetivo apresentar aos setores da sociedade uma justificativa velada para as injustiças sociais, políticas e econômicas.

Conforme as teorias marxistas, a situação do operário na sociedade capitalista tradicional é de alienação, pois eles possuem somente a sua faculdade de produzir, que é comprada pelo burguês em troca da remuneração, por isso, o produto fabricado não é do operário, não lhe pertence.

A condição do operário na sociedade capitalista tradicional é de coisa, isto é, o trabalhador é reificado, tornando-se produto fabril, cujo valor é o salário, ao passo que as mercadorias fabricadas pelo trabalhador, na visão burguesa, aparentam caracterizadas com existência típica.

Segundo Marx, o Estado é a forma legal - jurídica e policial - dos anseios de uma classe social própria, a classe dominante ou classe dos proprietários privados dos meios de produção.

NIETZSCHE (1844 - 1900)

Nietzsche propõe, dentre outras teorias, uma perspectiva epistemológica (ciência do saber) em que a existência de uma verdade absoluta é avaliada a partir de uma postura crítica e autorreflexiva, o que leva ao questionamento acerca da possibilidade de se atingir quaisquer convicções, perspectiva esta que representa uma oposição radical ao dogmatismo.

O Eterno Retorno é uma formulação com repercussões éticas para as condutas humanas e que se distancia de doutrinas gerais sobre o ser e sobre a vida.

Para Nietzsche, o processo de formação da memória se constituiu a partir da violência e da crueldade, “jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício, quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória”.

A memória, então, seria o contrário do esquecimento, permitindo ao indivíduo o não-esquecimento de experiência passadas.

Nietzsche entende, ainda, que a memorização se relaciona à capacidade humana de seguir normas que reprimem seus instintos, e que a repressão do esquecimento e dos instintos teria como finalidade a convivência social.

A consciência, nessa perspectiva, seria, segundo Nietzsche, o “último estágio” do processo de evolução do sistema orgânico humano, como resultado da necessidade que os indivíduos, ao conviver socialmente, teriam de levar à consciência suas ações, sentimentos e comunicações.

Para o filósofo, a condição humana se mostra inconsistente com os princípios da moral cristã. Assim, a partir de aspectos psicológicos do ser humano, Nietzsche faz uma crítica à aplicação dos valores cristãos à conduta humana.

O niilismo de Nietzsche é acompanhado por uma profunda crítica à cultura e à filosofia moderna. Na ausência de esperança, o que resta ao homem ocidental é dar-se conta de sua finitude, tal como apresenta a alegoria do texto da questão.

Preparar-se para uma vida sem a busca intelectual do procedimento socrático-platônico, para uma vida esfuziante e para além do homem (Übermensch), este era o projeto de Nietzsche.

A vontade de potência refere-se não apenas a um conjunto de pulsões competitivas, sem outra finalidade que não seja a própria vida, mas também a um impulso de afirmação da vida na direção de uma transcendência criadora, que conduziria a uma plenitude existencial.

Para Nietzsche, os dois princípios – o apolíneo e o dionisíaco – ou dimensões complementares da realidade foram separados na Grécia socrática, que, optando pelo culto à razão, secou a seiva criadora da filosofia, contida na dimensão dionisiaca.

Nietzsche ensina a combater a complacência, a mornidão das posições adquiridas, que o comodismo intitula moral, ou outra coisa bem soante, para conquistar as mais autênticas virtualidades do ser.

Ghiraldelli Jr., Paulo. A Aventura da Filosofia: de Parmênides a Nietzsche. Edição do Kindle

WEB. **Super Professor®Web**. Disponível em: <https://www.sprweb.com.br/mod_app/index.php> Acesso em 07/05/2020.

Candido, O portador, posfácio a Nietzsche, Obras incompletas, p. 411

Cotrim, Gilberto. Fundamentos de filosofia / Gilberto Cotrim, Mirna Fernandes. -- 4. ed. -- São Paulo : Saraiva, 2016.